



José Lourenço

O cirurgião clandestino

As piadas, curiosidades e por vezes aberrações que actualmente recebemos através dos e-mails chateiam-me menos do que a publicidade indesejada na caixa do correio.

Mas há uns que eu detesto: os PPS com música e que me mandam passar a mais 30 destinatários, senão o céu cai-me em cima da cabeça.

Abri uma excepção a um desses, dedicado ao Dr. HAMILTON NAKI, um negro sul-africano de 78 anos que morreu em Maio de 2005. A notícia não apareceu nos jornais, porém a sua história é uma das mais extraordinárias do século XX.

Foi ele quem retirou do corpo da doadora o coração que foi transplantado em Louis Washkany em 1967 na Cidade do Cabo, na primeira operação de transplante cardíaco realizada com êxito. Era um trabalho muito delicado. O coração doado teria que ser retirado e preservado com o máximo cuidado.

Naki era o segundo homem mais importante na equipa que fez o primeiro transplante cardíaco da história. No entanto, não podia aparecer porque era um negro no país do apartheid.

O cirurgião chefe do grupo, o branco Christian Barnard, foi uma celebridade instantânea.

Porém, Hamilton Naki não podia sair nas fotografias da equipa. Quando apareceu numa por descuido, o hospital informou que era um empregado do serviço de limpeza. Naki usava bata e máscara, porém jamais estudou medicina ou cirurgia.

Abandonara a escola aos 14 anos. Era jardineiro na Escola de Medicina da Cidade do Cabo.

Começou limpando as jaulas, porém era curioso e aprendia depressa. Aprendeu a técnica cirúrgica, vendo os médicos brancos que praticavam transplantes em cachorros e porcos.

Transformou-se num cirurgião tão excepcional, que o Dr. Barnard o requisitou para sua equipa. Era um problema para as leis sul-africanas.

Naki, negro, não podia operar pacientes ou tocar sangue de brancos. Mesmo assim, o hospital considerava-o tão valioso que fez uma excepção e fê-lo um cirurgião... clandestino.

Apesar da discriminação, prosseguiu os estudos, dava aulas aos estudantes brancos e ganhava apenas um salário de técnico de laboratório.

O máximo que o hospital podia pagar a um negro! Vivia numa barraca sem luz eléctrica nem água corrente, num gueto da periferia, de acordo com o seu estatuto na sociedade sul-africana!

Hamilton Naki ensinou cirurgia durante 40 anos e reformou-se com uma pensão de jardineiro, de 275 dólares por mês.

Quando o apartheid terminou, concederam-lhe uma condecoração e o título de médico *honoris causa*. Apesar da clandestinidade e discriminação, jamais deixou de dar o melhor de si na sua paixão por "ajudar outros a viver".

Este caso faz a ponte para uma homenagem final a quem eu gostaria de chamar "Médico Desconhecido ou Sem Rosto".

Esta designação pretende abarcar todos os Médicos, em Portugal e no Mundo, que por vezes sem as melhores condições, fazem da sua profissão um verdadeiro sacerdócio e recebem palmadas em vez de palmas. O acto Médico (não apenas o cirúrgico) é pluridisciplinar e ele não controla todas as componentes envolvidas.

A esse Médico Desconhecido, nos Hospitais, USF's, Centros de Saúde, Consultórios etc., a minha homenagem e desculpa, porque também já fui demasiado crítico a seu respeito.

É esse Médico Desconhecido o legítimo continuador de João Semana (Dr. João José da Silveira, médico vareiro, amigo dos pobres, que nasceu em 29 de Fevereiro de 1813 e faleceu em 29 de Novembro de 1896).

Júlio Dinis, ao descrever, em "As Pupilas do Senhor Reitor", a figura de João Semana, não precisou de criar ou inventar, apenas retratou este (outro) homem bom. 